

Memória, tradição e autoridade no discurso de um terreiro de candomblé na web¹

Vitor Rodrigues Bruno da SILVA²
Polyana AMORIM³
Universidade Federal do Maranhão, São Luis, MA

Resumo

Estruturado em torno da tradição e do respeito à hierarquia, o candomblé é uma religião marcada pelo reforço da autoridade dos pais e mães de santo e igualmente vincula-se a um profundo senso de memória e do passado como formas de legitimação e prestígio de suas casas de culto. Baseado nesse conhecimento teórico a respeito da religião dos orixás, esse artigo discute sobre a presença desses grupos na internet, o impacto dos meios de comunicação na sua vivência ritual e analisa a narrativa em linha do tempo disponível no site de um dos terreiros mais importantes da Bahia.

Palavras-chave: candomblé; memória; mídia; comunicação; tecnologias digitais

1. Introdução

O Candomblé é considerado uma das vertentes mais tradicionais do que se costuma chamar de religião de matriz africana. Surge na Bahia no século XIX, ainda no período pré-abolição, e se constitui no Brasil como rito africano adaptado à realidade nacional. Com forte apelo no meio cultural, onde é fonte de inspiração para a música, dança e dramaturgia, boa parte do que se sabe sobre suas tradições vem da exploração pelos meios de comunicação eletrônicos de massa de grandes artistas que reproduzem a cultura do candomblé desde a década de 1960 como forma de afirmação das raízes brasileiras.

TV, rádio e cinema já foram suportes para a disseminação de informação sobre o candomblé e, mais atualmente, a internet tem sido uma fonte perene de conteúdo sobre essa religião, embora não possamos medir a propriedade e a coerência desses textos. Mas é relevante observar o processo de apropriação do meio por terreiros de várias partes do Brasil, para diversas funções institucionais e de comunicação.

Freitas (2003, p.63) conta que “a aparição do candomblé na grande rede mundial de computadores, a Internet, [...] propagou-se a partir da metade da última década [1990]”,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Relações Públicas da UFMA, email: vitorrodrigues.bruno@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, da UFMA, email: polyana.amorim@gmail.com

com o surgimento de *sites*, *chats*, *mailing lists*, sobre temas relacionados ao universo religioso afro-brasileiro. O ciberespaço passou a ser utilizado por essas organizações como ferramenta de propagação de conhecimento mítico, divulgação de atividades rituais e eventos, discussão sobre procedimentos e conduta dentro da religião, e, destacadamente, para a reconstituição de suas histórias e acervo. Freitas (2003) reforça que o teor das publicações na *web* de instituições importantes e referenciais do candomblé, como o Terreiro do Gantois, tinha como finalidade divulgar o patrimônio histórico e a tradição daqueles terreiros, apresentando fotografias de antigos integrantes, esclarecimentos sobre a religião e textos com a história dos terreiros. Foi no meio digital que se deu um processo em que narrativas memoriais sobre o passado e a constituição desses espaços sagrados deixam de ser orais e passam a ganhar apresentações mediadas por hipertexto e recursos gráficos e de multimídia.

A memória, em especial a oral, e a relação com o passado e o tempo possuem profundo significado religioso no candomblé. Isto pode ser percebido tanto na crença em um plano espiritual de onde os mortos, ou antepassados, podem interferir no presente (BENISTE, 2002), como na determinação das hierarquias pelo critério do acúmulo de vivência, ou seja, pelo tempo de iniciação dos seus adeptos. Entende-se, paralelamente, que as casas de cultos também são creditadas em relação às outras por sua antiguidade e pela confirmação na memória coletiva da pujança do seu axé (força espiritual), da sua idoneidade e compromisso com os valores compartilhados pelo povo-de-santo. (PRANDI, 1990).

Com isso, a memória e a história organizacionais figuram como elementos importantes a serem destacados dentro do complexo comunicativo e simbólico em que competem essas religiões, principalmente com a expansão de um mercado religioso, que trouxe o acirramento da busca por fiéis, entre outros desafios contemporâneos.

A manutenção da visibilidade e do prestígio dos candomblés frente aos seus públicos, principalmente nas metrópoles brasileiras, se tornou um problema de Comunicação, de forma que somos instados a produzir reflexões que iluminem tais fenômenos. Em específico, o objeto deste *paper* é a comunicação no meio digital de um dos terreiros de candomblé mais antigos do Brasil, o Ilê Oxumaré, que mantém em site institucional conteúdos voltados à representação da memória de seu axé. Entre as sessões da página eletrônica, escolheu-se tratar da Linha do Tempo, composta por uma lista de

episódios que marcam os 170 anos da casa e que contam os feitos dos seus principais líderes - babalorixás e ialorixás.

2. Meios de Comunicação, Tradição e Candomblé

Para Thompson (1998) a produção e o intercâmbio de informações e conteúdo simbólico ocupam o centro da vida social, para ele são essas trocas que determinam a criação dos sentidos e o compartilhamento destes nas comunidades humanas. De forma que, o desenvolvimento de meios de comunicação - os meios técnicos e simbólicos por onde se dá o fluxo desses sentidos – permite uma reorganização da forma pela qual os indivíduos se relacionam entre si. Ao lançar mão desses meios os seres humanos tecem e renovam suas redes de significação.

Na modernidade, nos fala ainda Thompson (1998), determinadas instituições, entre eles a mídia, orientaram a produção em larga escala e a difusão generalizada das formas simbólicas e construíram a razão pela qual a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e distribuídos nas sociedades ocidentais. Os usos dos meios de comunicação - em constante expansão a partir do século XV -, seguindo essa lógica, trouxeram mudanças abissais para essas sociedades, consagrando a possibilidade de mercantilização das formas simbólicas e uma reestruturação do poder e dos mercados.

Uma das transformações mais profundas deflagradas na esteira do surgimento das novas tecnologias, principalmente a telecomunicação na segunda metade do século XIX, veio com o que Thompson chamou de “disjunção entre o espaço e o tempo” (THOMPSON, 1998, p.36). Isto significou basicamente que o distanciamento espacial deixou de implicar em um afastamento temporal, possibilitando que o conteúdo simbólico fosse transmitido para distâncias cada vez maiores num tempo cada vez menor, ou mesmo atingindo a simultaneidade de contato com a mensagem entre emissor e receptor.

A tecnologia dos meios de comunicação, longe de determinar o desaparecimento das tradições orais, desempenhou, a partir de então, muito mais um papel de suplementá-las e, até certo, passam as reconstituí-las pela difusão de produtos de mídia (THOMPSON, 1998). O surgimento de uma “historicidade mediada”, que fez as vezes da anterior transmissão e preservação da memória pela oralidade, determinou nosso novo sentido a respeito do passado, cada vez mais dependente da expansão crescente de um reservatório de formas simbólicas mediadas.

Essa mudança, que começa a ser operada lentamente desde a invenção do meio escrito e desemboca atualmente na internet, impactou localidades e culturas antes confinadas a uma noção do passado e da sua continuidade histórica traduzidas apenas pela narração. Não diferente, o candomblé, religião de base essencialmente oral, foi impactado por essa contínua adaptação e reestruturação da sociedade em torno das novas tecnologias da comunicação, com consequências tanto para a forma tradicional de aprendizagem de conhecimento mítico e ritual quanto para as formas de representação e visibilidade assinaladas pela possibilidade de utilização dos meios para comunicar suas visões de mundo, reivindicações e identidades.

Diferente do cristianismo, em que a Bíblia é peça central, ou do kardecismo, que se apoia nos livros de seu patrono, o candomblé consolidou-se como religião centrada na tradição não escrita e sua liturgia promulgada por meio da transmissão oral dos mitos. Esse traço da cultura religiosa do candomblé foi que determinou o modo singular pelo qual o terreiro se constituiu como espaço de resistência baseada numa herança ancestral, “transnacional e trans-histórica”, que proporcionaria a permanência no Brasil moderno de uma religião complexa, de densa herança ritual, mesmo com a falta de um texto instituinte (FREITAS, 2003).

A predominância do oral no candomblé, no entanto, foi sendo esvaziada, tornando-o cada vez mais aberto a formas diferentes de comunicação e transmissão do conhecimento, movimento que deve ser visto como uma condição da presença dessas organizações religiosas no meio urbano. Segundo a antropóloga Maria Lina Leão Teixeira (1999, p.131), “estando as comunidades religiosas de candomblé inseridas no ambiente urbano, também elas refletem, a seu modo, os efeitos da modernidade, característica dos grandes centros urbanos”. E entre esses efeitos está a presença ubíqua e atávica à cidade moderna dos meios de comunicação, que vão determinar para Teixeira (1999) a circulação generalizada de ideias, comportamentos e atitudes que desempenharão um papel fundamental no processo de recriação de modelos e estilos de vida, incluindo os do candomblé.

É preciso frisar, nesse sentido, o que Teixeira (1999) fala sobre uma visão linear de pesquisadores que tem se interessado em estudar os impactos dos meios de comunicação sobre a ideologia dos diferentes grupos sociais somente como forma de controle social e homogeneização. Segundo a autora, a maioria deles despreza a forma pelo qual esses atores-receptores tem se apropriado das mensagens e dos meios, criando seus próprios usos e significados, ou seja, as maneiras como esses núcleos refletem a realidade em que estão

inseridos como personagens ativos e sua capacidade de contar suas próprias histórias utilizando os meios técnicos de comunicação.

3. Pressupostos para uma análise

A web tem figurado como uma alternativa surgida com a tecnologização para que cada pessoa, grupo ou comunidade seja autor das suas próprias histórias e articuladores das suas próprias memórias. Para Worcman (2006, p.11) “a Internet está proporcionando um poderoso canal para conectar as memórias possibilitando constituir, sem hierarquia, o complexo conjunto de histórias disseminadas por toda a sociedade”. Para a autora, cada vez mais instituições “descobrem o valor de contar sua história”. E contar a história ou articular a memória pode significar criar uma identidade. É através da narrativa de suas histórias que, a partir daquilo que eles elegem como importante, os grupos sociais e empresas criam sua identidade (WORCMAN, 1999).

Esse novo cenário acena para as religiões negras do Brasil como uma oportunidade de se autoreferenciar, comunicar a respeito das suas demandas e reivindicar um espaço de visibilidade que nem sempre esteve aberto a elas: até a década de 1960, o conteúdo veiculado na mídia sobre religiosidade negra era pejorativo, repleto de preconceitos, termos inadequados (“fetichismo”, “magia”, “feitiço”) e relatavam a constante repressão policial aos terreiros como forma de controle de um “distúrbio social”. (FREITAS, 2003; CONCONE, 2014).

O processo de africanização, que fala Prandi (1999), trouxe uma volta da atenção – principalmente de uma juventude burguesa nos anos de contracultura, tropicalismo e movimentos de resistências - às tradições tidas como mais puras e autênticas das raízes nacionais. E mais recentemente, o acirramento das disputas por fiéis e poder no que Prandi (1999) chama de “mercado religioso”, tem forçado um movimento das religiões de matriz africana a um direcionamento estratégico das suas ações de comunicação. Este autor considera que elas estão cada vez mais pressionadas por um regime de oferta e de procura, devendo adaptar-se às novas situações e novas demandas. A comunicação é um dos caminhos tomados por essas instituições e por onde se fazem hoje apropriações e a estruturação de um discurso cabível às formas tradicionais de ver o mundo desses segmentos e também aos seus interesses de sobrevivência na cidade, em meio a crescente

rivalidade das igrejas cristãs evangélicas, com destaque para as neopentecostais (SILVA, 2006).

Tendo em vista essas tendências nos propomos a fazer uma análise que sinalizasse a partir de dados iniciais alguns elementos que compõe o discurso do candomblé nas redes digitais, nos atendo especificamente sobre os aspectos memoriais, ou determinadamente aqueles que se referem a uma reconstituição da história de uma casa de culto, levando em conta a representação da identidade e da afirmação da instituição no seu universo religioso.

Os terreiros, ou ilê axés, como se sabe, são guardiões de um patrimônio cultural brasileiro e africano inestimável, nesses espaços foram reproduzidos valores e tradições ancestrais que guiam formas singulares de vivenciar em comunidade a fé, os laços sociais, o poder, a natureza e o tempo. É neles também que se deu uma parte do imenso histórico de resistência do negro pela defesa do seu modo de vida e percepção do mundo. De maneira que nos dias de hoje as narrativas reproduzidas no meio eletrônico refletem a maioria desses processos e traços culturais, validando-os como forma de afirmação da identidade não apenas do povo negro e dos adeptos da religião, mas igualmente como aspectos que comunicam a legitimidade das próprias casas de culto.

Portanto, isso traz as ações memoriais e os produtos de comunicação com essa função de resgate do passado dos terreiros para o limiar da pesquisa em comunicação, convidam-nos ao esforço epistemológico de perscrutar as interfaces que nos aproximam e nos distanciam das demandas do segmento afro-religioso no Brasil.

Estudar esse tema significa ampliar o interesse das Relações Públicas e gerar conhecimento acerca de modelos organizacionais hoje pouco referidos na produção teórica do curso e na pesquisa em Comunicação. A complexidade do objeto, apesar de recortada pelos limites deste trabalho, evoca novas perspectivas para a área e força as barreiras dos olhares e instrumentos hoje destinados massivamente ao nicho empresarial, que não representa a totalidade do nosso campo de abrangência, que são as organizações.

Organização, segundo Kunsch (2003, p. 23), pode ser entendida como “um agrupamento planejado de pessoas que desempenham funções e trabalham conjuntamente para atingir objetivos comuns”. Logo, podemos entender as organizações religiosas, entre elas os terreiros de candomblés, como objetos das Relações Públicas.

4. Candomblé, legitimidade, autoridade e tempo

As organizações às quais essa pesquisa está se referindo são herdeiras de uma noção própria de tempo, da qual derivam conjuntamente suas noções sobre autoridade e legitimidade. Os conceitos que sustentam a organização da religião dos orixás em termos de autoridade religiosa e hierarquia sacerdotal dependem diretamente dos conceitos de experiência de vida, aprendizado e saber, intimamente decorrentes da noção de tempo ou a ela associados.

Igualmente, a origem religiosa é algo hipervalorizado no candomblé. O reconhecimento de “antiguidade” e de “originalidade” é procurado pelo povo-de-santo e atualmente, neste jogo de afirmação, a mídia tem papel decisivo, junto com os movimentos artísticos e culturais e os órgãos de tombamento patrimonial. Essas instituições é que ajudam a definir, selecionar e preservar aquilo que possa ser definido como “tradição”. (PRANDI, 2001).

Segundo Prandi (1990), Candomblé sempre foi identificado com tradição, e como tal se forjou como objeto da ciência, desde Nina Rodrigues no final do século passado. O médico maranhense estudava preferencialmente o terreiro do Gantois, exatamente pelo fato de acreditar que este era um terreiro de origem africana “legítima”, autêntica. E este tem sido o grande drama do candomblé: quem é mais legítimo, mais antigo, mais autêntico, mais tradicional? (PRANDI, 1990).

Logo, por serem organizações severamente ligadas ao seu passado e nele se afirmarem tendo-o como fator determinante da sua representação no mundo, este é um aspecto que não pode passar despercebido em uma análise que pretenda observar os traços de um discurso sobre identidade e legitimidade dessas instituições. Da mesma forma o tipo de autoridade em que estão revestidas suas lideranças.

O poder da mãe-de-santo e sua autoridade sobre os filhos de sua casa pode ser expresso pelas cerimônias de iniciação em seus vários graus de intensidade. É a mãe-de-santo quem integra a pessoa no grupo com os rituais adequados para cada nível de participação: é quem lava as contas das abiãs; que dá o bori dos ogás; quem assenta o santo das equedes; e raspa a cabeça das iaôs. Em cada um desses ritos a mãe-de-santo é a intermediária da força mística dos orixás com o corpo de seus filhos; ela é quem estabelece essa comunicação, quem consagra e quem interpreta a vontade dos santos, criando assim, nos momentos críticos da iniciação, uma dependência que resulta num sistema de expectativas mútuas, entre ela e seus filhos-de-santo. (LIMA apud SANTOS, 2011, p.30).

5. Pré-Análise

A fim de desvendar dimensões do discurso organizacional sobre a memória e história à luz desta discussão teórica relativa à tradição, legitimidade e autoridade nos terreiros, considerou-se as contribuições e propostas de Laurence Bardin à metodologia “análise de conteúdo”. Mais especificamente procedeu-se por uma pré-análise, ou seja, uma tentativa de “tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 1977, p.95). Tomamos aqui uma parte apenas do processo metodológico, com o intuito de prospectar caminhos para uma análise futura com mais densidade, rigor teórico e a possibilidade de confecção de categorias propriamente ditas.

Para os limites desse documento pretendeu-se chegar a alguns indicadores, conforme objetivos definidos, a partir da contagem da frequência de índices no material escolhido, a Linha do Tempo, sessão interativa do site do terreiro baiano Ilê Oxumaré Araká Axé Ogodô.



Linha do Tempo da Casa de Oxumaré
Fonte: casadeoxumare.com

Mais conhecida como Casa de Oxumaré, esta instituição foi fundada em 1845 por um africano da região de Abomey chamado Tálábì. Inicialmente erguida no bairro Cruz do Cosme, em Salvador-BA, e desde 1905 estabelecida na Federação, mesma localidade de outros importantes terreiros na capital baiana (CASA DE OXUMARÉ, 2015). Conduzida atualmente pelo babalorixá Pecê, investe em canais de comunicação na *web*, entre eles o seu site e contas nas redes sociais Facebook, Youtube e Twitter.

A pré-análise, segundo Bardin (1977, p.96), “tem por objetivo a organização, embora ela própria seja composta por atividades não estruturadas, abertas, por oposição à exploração sistemática dos documentos”. Assim escolheu-se realizar primeiramente uma “leitura flutuante” de acordo com o que sugere o autor, “deixando-se invadir por impressões

e orientações” e aos poucos torna-la mais precisa “em função das hipóteses emergentes da projeção de teorias adaptadas sobre o material”.

O objetivo, conforme nossa base teórica, foi identificar a presença no texto de índices relativos à “autoridade”, “legitimidade” e “tradição” como qualificações da casa, de seus membros e líderes. E as hipóteses foram as seguintes: a) o texto enfatiza o papel das lideranças do terreiro na história da organização; b) esses líderes são a temática primordial das unidades do material; c) o tema “resistência” ou “luta” é enfatizado como uma característica marcante da instituição; d) a sequência das unidades de tempo é baseada em um roteiro sucessão/posse/feitos/morte do líder religioso de determinada época.

Com a posse destas hipóteses escolhemos alguns índices e realizamos uma contagem inicial agrupando cada unidade temporal da Linha do Tempo em temas.

[...] o índice pode ser a menção explícita de um tema numa mensagem. Se se parte do princípio, de que este tema possui tanto mais importância para o locutor, quando mais frequentemente é repetido (caso da análise sistemática quantitativa), o indicador correspondente será a frequência deste tema de maneira relativa ou absoluta, relativamente a outros. (BARDIN, 1977, p.100)

Temas/Índice	Frequências
Feitos de líder religioso	8
Posse de líder religioso	6
Pré-história da Casa de Oxumaré/Fundação	5
Resistência	5
Sucessão/escolha de líder religioso	4
Morte de líder religioso	3
Transferência da Casa de Oxumaré/Reforma da casa	3

Reconhecimento da casa por instância do governo e internacional	2
---	---

Quadro de frequências
Fonte: autor

No quadro podemos ver que vinte e uma das trinta e seis abas que compõe a sequência do texto da Linha do Tempo tem como tema central o líder religioso, temas que podem se referir tanto ao seu processo de ascensão ao cargo, posse - momento em que assume o trono do terreiro -, sua morte - sempre dignificada como um acontecimento místico de partida para o Orun (céu) -, ou coisa que fez enquanto conduzia a casa de culto.

É preciso ressaltar que essa enumeração está levando em conta apenas o conteúdo central de cada unidade da Linha Tempo (período). Uma segunda contagem é preciso ser feita para verificar como esses números se reorganizam quando codificamos os índices e a sua presença no texto independente de ser o assunto principal de cada aba. Mas desde já fica sinalizado que a figura do líder, babalorixá ou ialorixá, parece ser onipresente na narrativa memorial da casa, além do que outros índices podem nos revelar aspectos mais profundos e significativos para a construção de uma identidade da instituição, como a afirmação por meio da memória da sua resistência frente à repressão policial, o preconceito e a condição do negro e sua religiosidade no país.

Considerações Finais

O candomblé é uma das forças mais expressivas da nossa cultura em sua matriz africana, carrega consigo um passado de valor incomensurável não só para as comunidades que abrigam essa tradição, mas para todos os cidadãos brasileiros. Levar o olhar da comunicação para os processos em que estão envolvidos os terreiros, enquanto organizações autônomas e donas de suas próprias decisões, permite iluminar e abrir espaço no meio acadêmico para uma preocupação latente em construir conhecimento das formas pelas quais essas instituições se inscrevem no mundo e administram suas representações para os públicos.

É preciso por em questão as contribuições e limitações da área para a análise das narrativas memoriais do candomblé no meio digital e beber na fonte das disciplinas clássicas que tem avançado há mais tempo na compreensão dessa religião, como a Antropologia, a Sociologia e a História. Pensando nisso, esse trabalho esboça, em parte, o

roteiro para um trabalho de conclusão de curso, ainda em fase seminal, que tem como objetivo levantar categorias de análise a partir da leitura mais aprofundada nos temas Memória Institucional e Candomblé, a fim de desvendar traços determinantes do discurso do Ilê Oxumaré nas redes.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

BENISTE, José. **Òrun-Aiyé: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagô-yorubá entre o céu e a Terra**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CASA DE OXUMARÉ. **Linha do tempo**. Disponível em: <<http://casadeoxumare.com/>>. Acesso em: 24 jun.2015.

CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. **A Umbanda, as notícias e os números**. Revista Pós Ciências Sociais. São Luis, v.11, n.21, p.59-84, jan/jun. 2014.

CONSORTE, Gomes Josideth. **Em torno de um manifesto de ialorixás baianas contra o sincretismo**. In: BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos (Org.). Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, Etnobotânica e comida. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 1999.

FREITAS, Ricardo Oliveira de. **Candomblé e Mídia: breve histórico da tecnologização das religiões afro-brasileiras nos e pelos meios de comunicação**. Acervo, Rio de Janeiro, n.2, p.63-88, jul/dez. 2003. Disponível em: <<http://www.revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/article/view/215>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

KUNSCH, M.M.K. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. 2.ed. São Paulo: Summus, 2003.

PRANDI, Reginaldo. **Linhagem e legitimidade no candomblé paulista**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.5, n.14, out. 1990. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_14/rbcs14_02.htm>. Acesso em: 26 jun. 2015.

PRANDI, Reginaldo. **Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização**. In: BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos (Org.). Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, Etnobotânica e comida. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 1999.

PRANDI, Reginaldo. **De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião**. Revista USP, São Paulo, n.46, p. 52-65, jun./ago. 2000. Disponível em: < <http://www.usp.br/revistausp/46/04-reginaldo.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

SANTOS, Nadja Antonia Coelho dos. **O Candomblé na representação da yalorixá**. Entrelaçando – Revista Eletrônicas de Cultura e Educação, n.4, ano 2, nov.2011. Disponível em: < <http://www.repositorio.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/727/1/O%20CANDOMBL%20NA%20REPRESENTAO%20DA%20YALORIX.pdf>>. Acesso em: 19 jul.2015.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais**. Revista USP, São Paulo, n.67, p. 150-175, set/nov 2005. Disponível em: < <http://www.usp.br/revistausp/67/11-silva.pdf> >. Acesso em: 7 jul.2015.

TEIXEIRA, Maria Lina Leão. **Candomblé e a (Re)invenção de tradições**. In: BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos (Org.). Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas trapêuticas, Etnobotânica e comida. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 1999.

WORCMAN, Karen. **A história na empresa: identidades e oportunidades**. Biblioteca Digital Museu da Pessoa, São Paulo, nov.1999. Disponível em <http://www.museudapessoa.net/oquee/oque_biblioteca.shtml>. Acesso em: 27 junho. 2015.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (coords.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC SP, Museu da Pessoa, Imprensa Oficial do Estado de SP, 2006.